



A Revelação da Homossexualidade por Ricky Martin – Uma análise do discurso construído pelo site Estadão¹

Tamires Ferreira COELHO²
Francisco Laerte Juvêncio MAGALHÃES³
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

RESUMO

Neste trabalho, buscamos entender como o site Estadão constrói um discurso sobre sexualidade, a partir das revelações de Ricky Martin acerca de sua opção sexual. A análise é feita tomando como matéria enunciativa o texto *Ricky Martin sai do armário: 'sou um feliz homem homossexual'*, publicado em 29 de março de 2010, e consiste em uma investigação discursiva levando em conta as vozes do artista na matéria e as apropriações dessas vozes pelo autor. O estudo toma como principal referencial teórico Foucault, principalmente em seus conceitos de poder e dispositivo de sexualidade. Foi possível perceber que Martin, quando exhibe orgulhosamente seu rótulo de homossexual, faz um discurso positivo sobre a homossexualidade – assim como também o site, ao apropriar-se desse discurso, propaga essa visão positiva.

PALAVRAS-CHAVE: Ricky Martin; Foucault; Sexualidade; Homossexualidade; Movimento gay.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo traz uma análise do discurso do site Estadão sobre sexualidade, tomando como base as revelações de Ricky Martin sobre sua homossexualidade. Consideramos neste estudo as falas do artista que fazem parte da matéria também como voz do site, já que foram utilizadas de maneira favorável ao raciocínio do autor. Mesmo assim, é possível perceber que essas vozes entre autor e cantor dialogam entre si.

O discurso em análise tem como título *Ricky Martin sai do armário: 'sou um feliz homem homossexual'*, e foi veiculado em 29 de março de 2010. O assunto principal abordado são as declarações que Ricky Martin assinou em seu site oficial sobre assumir-se homossexual. A revelação foi consequência da decisão que o artista tomou

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de Graduação 5º semestre do curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo na UFPI, email: tamirescoelho@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo na UFPI, doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: flaerte@msn.com



de escrever suas memórias e teria aliviado Martin de um peso que carregava consigo – os segredos sobre sua verdadeira opção sexual.

O que chama atenção na temática não é somente a questão da exposição da intimidade de uma celebridade, mas também o modo como o site se apropria de falas do artista e se identifica com essas falas. Foucault trabalha com o conceito de sexualidade e, como desdobramento, a questão da homossexualidade – o que nos possibilita compreender melhor os sentidos produzidos na matéria.

A análise baseia-se, principalmente, nas ideias de Foucault. Buscamos também aporte nas interpretações dos pensamentos e obras desse teórico feitas por Monteiro, Bonança, Simões Júnior e Ferrari. Estudos de Hall e Kinsey também podem ser encontrados no trabalho que segue.

2. A HOMOSSEXUALIDADE DIANTE DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

As questões de gênero, bastante debatidas na sociedade contemporânea, dão vazão a importantes estudos sobre a história da sexualidade e, conseqüentemente, à história do ser humano. O desenvolvimento de muitos desses estudos traz à tona a questão da homossexualidade – considerada por Monteiro (1997, p.01) um lócus de transgressão e recriação da dicotomia homem/mulher.

De acordo com Bonança (2005, p.01), entre os primeiros estudos que consideram a homossexualidade como fenômeno social relevante, destacam-se as pesquisas nos Estados Unidos do biólogo e sociólogo estadunidense Kinsey. O estudioso produziu relatórios sobre o comportamento sexual de homens e mulheres, em 1948 e 1953, respectivamente. Os resultados surpreenderam a sociedade conservadora da época, pois revelavam que, entre os pesquisados, 92% dos homens e 68% das mulheres praticavam ou já haviam praticado masturbação.

Ainda quanto aos estudos de Kinsey, 46% dos homens afirmaram ter relações tanto hetero quanto homossexuais e outros 4%, exclusivamente homossexuais – denominados por ele “homossexuais absolutamente homossexuais”. Dessa forma, as conclusões do sociólogo caracterizaram a homossexualidade como algo natural entre os



seres humanos, refutando assim as teorias que a relacionavam com patologias psicológicas e chamando atenção à problemática da repressão em âmbito sexual. Isso fez com que o pesquisador fosse considerado subversor da moral por alguns segmentos conservadores.

O discurso homossexual é, por muito tempo, um exemplo de discurso marginal, como afirma Simões Júnior (2005, p.02). Ao final da década de 1940, surgem jornais voltados a essa temática nos Estados Unidos e, posteriormente, no Brasil, através de *O Snob* (1963-1969) e *Lampião* (1978-1981). Através dessas publicações, é aberto um espaço de discussão decorrente da militância de grupos homossexuais. Surgem grupos brasileiros decididos a combater a marginalização e a visão preconceituosa da sociedade em relação a esse segmento.

De uma maneira geral, o discurso vem modificando-se ao longo do tempo. As nomenclaturas para designar a atração sexual por pessoas do mesmo sexo também mudaram, sobretudo entre homens.

A multiplicidade de nomes e termos que definem ou nominam os homens que têm atração sexual e afetiva por outros homens – em especial *viado*, *bicha*, *homossexual*, *entendido*, *gay* e sua variante aportuguesada *guei*, bem como *homossexualismo*, referente à prática sexual - são reflexo da própria multiplicidade identitária que perpassa o homem moderno, em que não há mais identidade una. (SIMÕES JÚNIOR, 2005, p.04)

Hall (2004) também discorre sobre as mudanças que as identidades sofrem ao longo do tempo, porque elas estão em um processo de constante reformulação.

As identidades não são nunca unificadas; (...) são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; (...) não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2004, p.108).

Práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo até a segunda metade do século XIX não eram sequer categorizadas, considerando-se apenas o ato e não os participantes dele. Os primeiros termos utilizados para definir indivíduos homoeróticos trazem embutidos neles aspectos histórico-sociais relacionados às relações de poder vigentes à época. A identidade homossexual é, para Foucault, uma formação moderna, e as suas definições, cunhadas ao longo das décadas, estão atreladas à realidade político-social.



No seio das relações de poder, a mobilidade é então limitada, e certas fortalezas são muito difíceis de derrubar por terem sido institucionalizadas, porque sua influência é sensível no curso da justiça, nos códigos. Isso significa que as relações estratégicas entre os indivíduos se caracterizam pela rigidez. (FOUCAULT, 1982, p.07)

Em “História da Sexualidade I – A vontade de saber”, Foucault (1999, p.43-44) atenta para a transformação dos homossexuais de sodomitas – termo pejorativo – para um segmento já incluído na espécie humana. Havia, antes, a proibição da sodomia, que designava diversas práticas relacionadas ao sexo sem finalidade de procriação.

De denominações como “sodomia” para o ato homossexual e “sodomita” para seus praticantes, vinculados à instituição religiosa, chegou-se ao termo “homossexual”, proposto pelo suíço Karole Maria Benkert, em 1869, e vinculado aos discursos psiquiátrico e patológico. O pós-estruturalismo vem mostrar que hetero e homossexualidade são construções culturais e discursivas.

A diferenciação entre hetero e homossexuais e a inferioridade da “experiência homoerótica”, como construção meramente social, é apontada por Monteiro (1997):

Esta dicotomia (cujo estatuto metafísico eu já venho questionando até aqui), está baseada em uma série de pressupostos, colocando o pólo heterossexual como normal, majoritário, compulsório, em oposição ao pólo doentio do homossexualismo, antinatural (apesar de atrelado a uma suposta natureza homossexual), o 'outro' frente ao heterossexualismo. Isto se configura numa forma cognitiva machista, uma forma machista de compreender a realidade. Por que machista? Por que estes saberes sobre o sexo e sobre a sexualidade estão associados a poderes, a privilégios dos homens sobre as mulheres, dos heterossexuais sobre os homossexuais. O momento de instauração da dicotomia entre homem e mulher, entre hetero/homo, já é o momento onde se instauram as desigualdades. Os personagens que surgem com estas dicotomias já nascem em hierarquias, naturalizadas para apagar o seu aspecto social, o seu aspecto contextual e transitório. (MONTEIRO, 1997, p.04)

Segundo Ferrari (2004, p.106), a principal característica do movimento gay e de vários outros grupos sociais que organizaram-se no Brasil foi a articulação “pela defesa da visibilidade, pela construção de novas formas de conhecimento, de cidadania plena e pela luta por direitos civis”. À época da queda do regime ditatorial, o movimento gay alimentava esperanças de que a sociedade aceitasse a homossexualidade sem restrições. A partir da “efervescência da homossexualidade”, as práticas homossexuais tornam-se mais visíveis, esse segmento social é descoberto pelos setores comerciais e surge uma “moderna subcultura gay”.



Sobre esses movimentos, Foucault, na obra *Microfísica do Poder* (1979), afirma:

Acho que os movimentos ditos de "liberação sexual" devem ser compreendidos como movimentos de afirmação "a partir" da sexualidade. Isto quer dizer duas coisas: são movimentos que partem da sexualidade, do dispositivo de sexualidade no interior do qual nós estamos presos, que fazem com que ele funcione até seu limite; mas, ao mesmo tempo, eles se deslocam em relação a ele, se livram dele e o ultrapassam. (FOUCAULT, 1979, p.130)

A visibilidade conferida ao movimento gay permitiu que seus objetivos se expandissem, abrangendo aspectos identitários além da sexualidade. Questões de cidadania, de representação – inclusive política –, de respeito e de auto-afirmação também passaram a fazer parte das políticas de luta desse grupo.

3. FOUCAULT E O DISCURSO DO SITE ESTADÃO

No dia 29 de março de 2010, o Estadão publicou, através de sua página virtual (<http://www.estadao.com.br>), a matéria *Ricky Martin sai do armário: 'sou um feliz homem homossexual'*, sobre o fato de o cantor porto-riquenho Ricky Martin ter assumido sua preferência sexual por homens. A atitude do cantor provocou uma grande repercussão em sites e jornais de todo o mundo.

As declarações do artista na mídia sobre sua opção sexual repercutiram nos diversos tipos de meios de comunicação, provocando diferentes impressões. A surpresa ocorreu em dois níveis: tanto para as pessoas que não sabiam que ele era gay quanto para as pessoas que sabiam, mas não acreditavam que o cantor pudesse revelar isso à mídia. Isso abriu espaço para que outros artistas também se sentissem à vontade para manifestar suas “verdadeiras opções” – já que boa parte do público, homossexual ou não, aprovou o fato de o artista hispânico assumir a homossexualidade.

Essa iniciativa de revelar sua opção sexual ratificou o sentimento de emancipação decorrente de participar do movimento gay. Ferrari (2004) explica como esse processo ocorre, baseando-se nos princípios foucaultianos:

A prática da revelação vem fortalecida por outros aspectos que devem ser considerados. Primeiro é a vivência, durante algum tempo, da obrigação de



silenciar os desejos, entendidos como proibidos, errados, anormais, enfim, que deveriam ser escondidos. Nesse sentido, o movimento *gay* constitui-se como espaço onde podem falar de tudo que sempre tiveram vontade, sem medos, é o espaço da libertação, da liberdade. Podem revelar o que gostam, o que sentem e o que querem. Segundo, que essa possibilidade de colocar para fora o que estava preso concede aos membros um sentimento de emancipação, de vitória diante da repressão. Assim, o movimento *gay* também passa a ser o espaço da emancipação. Por esses dois aspectos, o movimento *gay* caracteriza-se pela inversão da lei do mundo, em que as verdades devem ser escondidas (Foucault, 1988). É o prenúncio de um dia em que todos poderão assumir no cotidiano, da mesma forma que fizeram no espaço do movimento *gay*. Esse é o sentimento e a luta que predomina nas reuniões, é o anúncio de dias novos, uma proposta para o futuro, a promessa de felicidade. (FERRARI, 2004, p.113)

Para entender a relação entre as declarações do cantor latino e a visão de Michel Foucault sobre a sexualidade, é necessário compreender o que este autor chamou de “dispositivo de sexualidade”. Foucault (1979, p.138) explica que este termo designa um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, organizações arquitetônicas, leis, enunciados científicos, proposições morais, entre outros. Esse dispositivo engloba e estabelece uma rede entre o dito e o não dito.

A matéria do site do grupo de jornalismo Estadão inicia com uma afirmação do próprio Ricky Martin que foi veiculada em seu site oficial e assinada pelo artista. "Eu tenho orgulho em dizer que sou um feliz homem homossexual. Eu sou muito abençoado de ser quem eu sou". A divulgação no site oficial e a assinatura do cantor foram elementos explorados pelo meio de comunicação para dar maior credibilidade à informação, que é polêmica, e não deixar dúvidas para o leitor quanto à sua veracidade.

Foi informado ainda que Martin, que sempre foi aclamado pelas mulheres de todo o mundo desde quando era membro da banda de garotos *Menudo*, estaria escrevendo um livro de memórias – o que teria influenciado bastante em suas revelações à mídia. A matéria e o próprio cantor, dizem que essas memórias seriam uma tentativa de ele se livrar de coisas que vinha carregando há muito tempo. Ricky estaria passando por um momento de “serenidade” e isso o teria levado a compartilhar sua sensação de liberdade.

Foucault (1999, p.92) acredita que – considerando a questão da sexualidade imersa em relações de poder – a defesa do discurso homossexual seria uma forma de



sair do alcance do poder, a partir de uma antecipação da liberdade idealizada para o futuro, a qual seria alcançada simultaneamente à justiça social.

Os membros do movimento *gay* parecem ter consciência dessa preparação para a liberdade futura, que está baseada num processo educacional capaz de construir identidades mais valorizadas da homossexualidade, tanto para seus membros quanto para o grande público, mesmo porque isso só poderá ser construído pelo diálogo, pelo confronto e pela negociação com a sociedade mais abrangente. É, ao mesmo tempo, a consciência de desafiar a “ordem estabelecida”, de se incomodar com esse passado visando construir algo novo sobre suas estruturas. (FERRARI, 2004, p.114)

O movimento *gay* é uma organização reivindicatória mais no âmbito de identidades do que de classe. Foucault defende que a identidade é continuamente construída, é algo que realiza-se a partir da interação entre os indivíduos. Esse movimento, de acordo com Ferrari, não pode ser visto apenas como “espaço de negociação, de definição e redefinição das identidades homossexuais”, mas como precursor de discussões e do alastramento de espaços que permitam a democracia para com as diferenças sexuais.

A validade do movimento *gay*, no entanto, tem sido questionada, devido a muitos de seus integrantes exibirem com orgulho o rótulo de “homossexual”, assim como Ricky Martin fez publicamente, por exemplo. O próprio título da matéria, que inicia com “Ricky Martin sai do armário”, destaca, através da expressão “sair do armário”, a visibilidade a que o movimento *gay* e seus participantes se propõem.

“[...] o movimento *gay* não percebe a visibilidade, a revelação da intimidade e da identidade *gay* como diminuição da sociabilidade; tampouco entende o silêncio como proteção, embora ainda hoje muitos *gays* compreendam suas identidades homossexuais dessa forma, ou seja, somente mantendo sua intimidade como *gays* em segredo poderão manter a sociabilidade ou a “aceitação social” ideal, e aí o silêncio é entendido como proteção. Por isso, quando o movimento *gay* luta por visibilidade através da política do “sair do armário”, está lutando contra a organização da cultura e de nossa herança moderna de uma sociedade vigilante e classificadora da sexualidade.” (FERRARI, 2004, p.110)

Essa visibilidade vai muito além de espaços específicos frequentados pelos adeptos ao movimento. O objetivo do movimento *gay* é construir uma identidade positiva e valorizada dos homossexuais em relação ao restante da sociedade, aumentando assim, a socialização desse grupo e uma não restrição de locais para suas práticas afetivas.



O combate ao preconceito e a estereótipos sociais traz consigo questionamentos existenciais. Essas questões estão ligadas à intimidade do ser, no caso de Ricky Martin, especialmente no que concerne à sexualidade. E isso desperta interesse público, se considerarmos a relação socialmente estabelecida entre sexualidade e identidade.

Mas pensar a articulação entre sociedade, intimidade e sexualidade é pensar, principalmente, na relação de poder que organiza essa associação. À luz do pensamento foucaultiano, o poder que se organizou em torno da sexualidade não se caracterizou apenas como repressor. Ele foi capaz de produzir prazer e reação. Nesse sentido, quando o movimento *gay* se dispõe a pensar a organização dos discursos produzidos pela sociedade para classificar e controlar as práticas homoeróticas, ele está questionando essa relação de poder presente na sexualidade. Mais do que isso, ele está reagindo a essa relação de poder, propondo novas formas de conhecimento que lutam em duas direções: por um lado, combatem e desconstróem os discursos dominantes, e, por outro, elaboram novas formas de entendimento para as práticas homoeróticas. (FERRARI, 2004, p.108)

Quando, na notícia analisada, é publicado que muitas pessoas teriam desaconselhado o cantor a “sair do armário”, porque isso prejudicaria sua carreira, percebemos, de maneira clara, que ainda há relações de poder que se interpõem na questão da sexualidade. Foucault (1999, p.88-91) explica que o poder é fruto de relações com saberes que se auto afirmam enquanto verdades absolutas. Práticas e instituições acabam por legitimar essas verdades através do poder.

Segundo Bonança (2005, p.02), essas verdades – como, por exemplo, a tese que as práticas homossexuais seriam derivadas de doenças, configurando-se como desvio da conduta sexual normal – foram construídas a partir do interesse de “normalizar” (em direção à heterossexualidade dominante) a sociedade, por parte de algumas instituições sociais, como a Igreja católica, as ciências médicas e a sexologia. A normalidade seria, portanto, uma ferramenta de dominação.

Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha "ao compasso da verdade" – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detém por este motivo poderes específicos. A produção de discursos "verdadeiros" (e que, além disso, mudam incessantemente) é um dos problemas fundamentais do Ocidente. A história da "verdade" – do poder próprio aos discursos aceitos como verdadeiros – está totalmente por ser feita. (FOUCAULT, 1979, p.128)



O discurso de Ricky Martin citado na matéria em análise, no qual ele afirma que sua opção sexual recentemente declarada é a “sua verdade, sua natureza”, refuta estereótipos ligados à homossexualidade, à medida que nega verdades pré-concebidas a respeito da prática homossexual.

Monteiro (1997, p.04) afirma que Michel Foucault desconstrói a relação entre o conceito de homossexualidade e concepções particulares de ciência e de sexualidade, na qual “o homossexual era o perverso e onde as suas práticas espelhavam uma essência oculta, uma natureza (que era naturalmente desviante), uma condição imutável”.

Percebe-se que Foucault não defendia a homossexualidade em si, mas sim o esforço em pensar novas modalidades de relações, sem normas estabelecidas e padrões. “[...] a homossexualidade não é [aqui] uma forma de desejo, mas alguma coisa de desejável” (1994, p. 163). Depois continua: “É preciso usar de sua sexualidade para descobrir, inventar novas relações. Ser gay é ser se tornando... eu acrescentaria que é preciso não ser homossexual, mas insistir em ser gay” (1994, p. 295).

4. CONCLUSÃO

As primeiras definições para homossexuais traziam consigo aspectos histórico-sociais relacionados às relações de poder vigentes à época. Essas práticas, por muito tempo, permaneceram sem uma denominação própria e a identidade homossexual, em si, é fruto de um processo de formação recente.

Ao reivindicar aspectos relativos às identidades, o movimento gay ganha em visibilidade e reconhecimento enquanto ator social. Além do aspecto subjetivo, a constituição dessa comunidade discursiva, por si só, já traz benefícios, pois reflete em questões como cidadania, representação, respeito à diversidade, construção de novas formas de conhecimento e luta por direitos. A identidade do movimento resulta de várias construções e interações a partir da busca pela livre escolha pelas opções sexuais.

Ao tratar de sexualidade sob a óptica de Foucault, percebemos que esse tema não se restringe à sexualização do corpo, mas vai muito além. As questões e conceitos, bem como preconceitos, que envolvem a homossexualidade foram construídos a partir



de relações de poder e interesses institucionais. Foucault não defendia o “ser homossexual”, porém lutava pela inovação quanto às modalidades de relações (não somente as de âmbito sexual), sem normas estabelecidas e padrões sociais a serem seguidos.

São produzidos discursos positivos tanto pelo cantor Ricky Martin quanto pelo site Estadão, que apropria-se de algumas das falas do artista na matéria, sobre a homossexualidade. Em suas declarações, Martin, quando exhibe orgulhosamente seu rótulo de homossexual, praticamente incentiva os indivíduos de preferência homoerótica a se assumirem e, assim como ele, deixar de carregar um peso por medo do que a sociedade vai pensar.

Ferrari, influenciado pelas obras de Foucault, explica que essa prática de assumir-se, se “sair do armário”, como a matéria menciona, faz parte da luta do movimento gay por visibilidade e contra a herança estereotipada, preconceituosa e vigilante que ainda interfere nos valores sociais contemporâneos.

5. REFERÊNCIAS

BONANÇA, Paulo. **Poder, anormalidade e homossexualidade:** Aportes de Kinsey e Foucault. Disponível em: <<http://www.sobresites.com/psicologia/noticias/poder-anormalidade-e-homossexualidade-aportes-de-kinsey-e-foucault.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan.-abr. 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo. 9ª ed. Loyola, 2003.

_____. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994. 4 v.

_____. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/2465730/Foucault-Michel-Microfisica-do-Poder>>. Acesso em: 30 mar. 2010.

_____. **Sexo, poder e a política da identidade**. Toronto, jun. 1982. Entrevista. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sexo.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2010.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MACRAE, Edward. Afirmção da identidade homossexual: seus perigos e sua importância. Disponível em: <<http://www.giesp.ffch.ufba.br/Textos%20Edward%20Digitalizados/8.PDF>>. Acesso em: 03 abr. 2010.



MONTEIRO, Marko. O pós-estruturalismo no estudo do gênero. **Antropologia: gênero e masculinidade**. Campinas, 1997. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/~marko/laymert.html>>. Acesso em: 02 abr. 2010.

SIMÕES JÚNIOR, A. Cardoso. De sodomita a homoerótico – as várias representações para as relações entre iguais. **Revista Morpheus – UNIRIO**. Rio de Janeiro, n.7, 2005.

6. ANEXOS

Ricky Martin sai do armário: 'sou um feliz homem homossexual'

Em um texto assinado por ele em seu site, cantor afirmou não querer mais esconder 'sua verdade'

29 de março de 2010 | 18h 32

"Eu tenho orgulho em dizer que sou um feliz homem homossexual. Eu sou muito abençoado de ser quem eu sou". Por meio dessa frase, o cantor porto-riquenho Ricky Martin assumiu nesta segunda-feira, 25, sua opção sexual.

Em um texto publicado em seu site oficial e assinado por ele, o artista que arranca suspiros das mulheres desde o início de sua carreira na boyband latina Menudo afirmou que está escrevendo suas memórias.

"Um projeto que sabia que seria verdadeiramente importante para mim, (...), porque ajudaria a me livrar de coisas que venho carregando há muito tempo", afirmou Martin na mensagem aos fãs.

Segundo o cantor, o momento de "serenidade" que está vivendo o levou a "um lugar de reflexão, compreensão e muita iluminação. Me sinto livre, e quero compartilhar isso", acrescentou.

De acordo com Martin, muitas pessoas disseram que assumir sua homossexualidade não valeria a pena e poderia abalar todo seu trabalho, já que muitos não estariam preparados para aceitar "sua verdade, sua natureza". Por medo, o astro teria demorado tanto em revelar sua opção sexual; medo que, segundo Martin, hoje ele já não tem mais.

"Se me perguntam hoje: 'Ricky, do que você tem medo?' Eu responderia: do sangue que corre pelas ruas nos países em guerra, da escravidão sexual infantil, do terrorismo, do cinismo de alguns homens no poder, do sequestro da fé. Mas medo da minha natureza, da minha verdade? Não mais!", declarou o ex-menudo.

Ricky Martin começou a fazer sucesso em 1984, quando conseguiu entrar para o grupo Menudo. Aos 19 anos, em 1991, lançou seu primeiro CD solo "Ricky Martin" e mudou-se para os Estados Unidos.

Em 1993, Ricky lançou o segundo álbum "Me Amaras" e conseguiu destaque no México, onde iniciou sua carreira solo. O sucesso nos países latinos chegou em 1996, com a música "Maria", de seu terceiro disco "A Medio Vivir". A música foi tema da novela "Salsa e Merengue", da Rede Globo, e o disco vendeu mais de 600 mil cópias no Brasil.

Suas músicas já foram tema de filmes da Disney, e até da Copa do Mundo da França, de 1998 ("La Copa de la Vida").

Ricky Martin sai do armário: 'sou um feliz homem homossexual'

Em um texto assinado por ele em seu site, cantor afirmou não querer mais esconder 'sua verdade'
29 de março de 2010 | 18h 32

Leia a notícia

Comentários 49



Email



Imprimir



estadão.com.br



Arquivo/AP

Martin: 'Sou muito abençoado de ser quem eu sou'

"Eu tenho orgulho em dizer que sou um feliz homem homossexual. Eu sou muito abençoado de ser quem eu sou". Por meio dessa frase, o cantor porto-riquenho Ricky Martin assumiu nesta segunda-feira, 25, sua opção sexual.

Em um texto publicado em seu site oficial e assinado por ele, o artista que arranca suspiros das mulheres desde o início de sua carreira na boyband latina Menudo afirmou que está escrevendo suas memórias.

"Um projeto que sabia que seria verdadeiramente importante para mim, (...), porque ajudaria a me livrar de coisas que venho carregando há muito tempo", afirmou